

Adendo ao artigo

O discurso *Das três transmutações* e a transvaloração de todos os valores em Nietzsche de Newton Pereira Amusquivar Júnior

Na página 96, onde se lê:

Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e realizando o estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP).

Leia-se:

Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e realizando o estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP), processo número 2022/03434-0.



ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 14 - N. 02 ISSN 2179 - 3441

O discurso *Das três transmutações* e a transvaloração de todos os valores em Nietzsche

The speech On the three transformations and the transvaluation of all values in Nietzsche

Newton Pereira Amusquivar Junior 

Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e realizando o estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP).
Guarulhos, SP, Brasil.

Contato: newtonpa@gmail.com

Resumo:

O presente artigo propõe interpretar o discurso *Das três transmutações* pela perspectiva do que Nietzsche denomina de “transvaloração de todos os valores”. Para isso, inicialmente é realizada uma investigação sobre a origem, os sentidos desse termo e sua relação com a obra *Assim falou Zaratustra*. Posteriormente pretendo mostrar que a transvaloração de todos os valores está nesse discurso: o camelo possui o significado de obediência aos valores instituídos durante séculos; o leão representa o espírito de negação dos valores estabelecidos, constituindo uma noção de liberdade; e a criança é a criação de valores que afirma dionisiacamente a vida e tudo o que os valores estabelecidos negaram.

Palavras-chave: Transvaloração de todos os valores. Nietzsche. Zaratustra.

Abstract:

The purpose of this paper is to interpret the speech *On the three transformations* from the perspective which Nietzsche designates as the “transvaluation of all values”. In order to achieve this, I initially carry out an investigation into the origin and meanings of this term and its relation to the work *Thus spoke Zarathustra*. Later I intend to show that the transvaluation of all values is present in this speech: the camel has the meaning of obedience to values instituted throughout centuries; the lion represents the spirit of negation of the established values, constituting a notion of freedom; and the child corresponds to creation of values which affirms, in a Dionysus-like fashion, life and everything that the established values have negated.

Keywords: Transvaluation of all values. Nietzsche. Zarathustra.

Introdução

Historicamente, os primeiros sentidos da noção de valor estavam relacionados a algo para indicar utilidade ou preço dos bens materiais e dignidade ou mérito das pessoas. Na filosofia, foi apenas com o estoicismo que o termo ganhou uma conotação ética. Dessa época até a filosofia moderna, a noção de valor se manteve como um bem subjetivo, até que no século XIX, a noção kantiana de valor se relaciona com o conceito de bem como um valor objetivo¹. Para Nietzsche, a questão do valor é central nas suas reflexões éticas, principalmente com o seu objetivo de avaliar os valores morais e superar os limites impostos por eles: trata-se do que ele intitula de *transvaloração de todos os valores* (*Umwertung aller Werthe*). Com essas palavras, Nietzsche compreende a avaliação dos valores, a destruição dos valores morais engendrados, uma reviravolta e transformação na criação de novos valores.

Pretendo aqui mostrar como a obra *Assim falou Zaratustra* contém um desenvolvimento das teses sobre a transvaloração dos valores no discurso *Das três transmutações* (*Von den drei Verwandlung*). É importante observar que a expressão “transvaloração de todos os valores” ainda não tinha sido cunhada na época em que Nietzsche escreveu a primeira parte de *Assim falou Zaratustra* (1883). Pretendo primeiramente escrever sobre o surgimento e os sentidos da expressão “transvaloração de todos os valores” (*Umwertung aller Werthe*) ou “transvaloração dos valores” (*Umwethung der Werthe*), assim como a sua relação com a obra *Assim falou Zaratustra*. Em um segundo momento, pretendo mostrar como o discurso *Das três transmutações* pode ser interpretado pela perspectiva da transvaloração de todos os valores. Como consequência, pretendo apontar teses fundamentais sobre a noção de valor nesse discurso que embasaram a formulação de uma transvaloração de todos os valores.

1. Aspectos sobre a transvaloração de todos os valores

1.1. O surgimento do termo “transvaloração de todos os valores”

É preciso notar que dois problemas iniciais se apresentam para a interpretação sobre o discurso *Das três transmutações*: primeiramente, é preciso explicar como

¹ Essa perspectiva histórica da noção de valor está presente no dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano (2000), no verbete “valor”. Nele, o autor indica os seguintes aspectos: o estoicismo introduziu o termo “valor” como objeto de escolha moral segundo a razão (Diógenes Laerte) ou natureza (Cícero); Hobbes retoma o termo “valor” por uma noção subjetiva de bem; na economia política do século XIX, “valor” é suplantado das discussões morais; Kant identifica o bem como valor objetivo para todos entes racionais e; por fim, em Nietzsche, o termo “valor” passa a ser fundamental para a filosofia, tal como notaremos neste artigo ao abordar a expressão “transvaloração de todos os valores”.

Nietzsche entende e aborda o termo “transvaloração de todos os valores”; em segundo lugar, a problemática que envolve o fato de esse termo ter sido cunhado em 1884, portanto, depois de finalizar a terceira parte de *Assim falou Zaratustra*, dois anos após à primeira parte dessa obra. Esse segundo problema pode ser compreendido ao analisarmos o surgimento da expressão “transvaloração de todos os valores” nos escritos de Nietzsche.

O filósofo alemão utiliza a expressão *Umwertung aller Werthe* em fragmentos póstumos² e em cartas, inicialmente como subtítulo de uma obra que ele pretendia escrever. Nos últimos meses de sua vida lúcida, Nietzsche modifica o subtítulo “transvaloração de todos os valores” para o próprio título da obra³. É importante enfatizar que foi Nietzsche quem introduziu o termo transvaloração (*Umwertung*) dentro da filosofia e o colocou como um conceito relevante nas suas reflexões sobre os valores morais. Justamente por conta disso, alguns estudiosos de Nietzsche estão reavaliando se é correto datar o surgimento da noção de “transvaloração de todos os valores” apenas em 1884, entre os quais eu destaco os trabalhos de Thomas H. Brobjer. Para esse estudioso, as primeiras reflexões sobre o tema do valor, que acarretará a noção de “transvaloração de todos os valores”, já aparecem entre 1880 e 1881, nos fragmentos póstumos, e no aforismo 269 de *A gaia ciência*, onde se lê: “Em que você acredita? – Nisto: que os pesos de todas as coisas precisam ser determinados novamente” (GC 269). Brobjer (2010, p.16) destaca a palavra “novamente” (*neu*) desse aforismo e o fato de Nietzsche ter introduzido os últimos aforismos do livro III na fase final de elaboração de *A gaia ciência* como apoio para interpretar a “transvaloração”. Além disso, ele evidencia que nos fragmentos póstumos do período de 1880 e 1881 o tema da transvaloração já estava presente (BROBJER, 2010, pp. 17-18).

Ao analisarmos esses fragmentos póstumos, indicados por Brobjer, pode-se notar as teses sobre o valor que são uma base para a noção de “transvaloração de todos os valores”, tais como a necessidade de avaliar, destruir e criar valores. No fragmento póstumo 1880, 3[116] Nietzsche faz uma análise crítica do cristianismo por realizar uma inversão de todos os juízos de valores, colocando por trás de todas as coisas um tribunal, ou seja, o cristianismo seria responsável por uma absolutização e universalização dos valores morais, acreditando ser capaz de julgar toda a existência por meio deles. Ora, a crítica de Nietzsche, em relação à forma de valorização cristã, diz respeito ao relativismo dos valores morais, o que já aparece nos fragmentos póstumos por meio de um ceticismo e de uma negação dos valores (FP 1880, 3[54]). É possível observar nesses fragmentos póstumos que o que é imoral hoje já pode estar dentro da moralidade em outra época ou local (FP 1880, 3[66]) e a indicação de que, para o

² Fragmentos póstumos como os FP1884, 26 [259]; FP 1885, 2[100]; FP 1886, 5[75]; FP 1887, 9[164], FP 1887, 11 [411]; FP 1887, 11[414]; FP 1888, 14 [78]; FP 1888, 14 [136]; FP 1888, 14[156]; FP 1888, 15[100]; FP 1888, 16[86] e FP 1888, 18[17].

³ Como é possível notar nos fragmentos póstumos: FP 1887, 11[416]; FP 1888, 19[2]; FP 1888 19[8]; FP 1888, 22[14].

homem mudar, seria preciso admitir que nosso entendimento sobre o que é valor de bem e mal se forma de maneira arbitrária (FP 1880, 6[378]). Esse ceticismo sobre um valor absoluto na moralidade conduz até a tarefa de Nietzsche de rever a valoração, como pode-se notar nos fragmentos FP 1880, 1[56] e FP 1881, 11[76]. No fragmento póstumo 1880, 3[158], ele deixa claro que o estado lamentável da cultura atual fornece a tarefa da revisão de todos os valores, assim como no FP 1880, 5[25], onde Nietzsche nota que para ter impressões adequadas é preciso nova valoração. Porém, ele levanta a seguinte pergunta no fragmento póstumo 1881, 11[20]: “questão fundamental: como foi feita e alterada a tabela de valores dos bens?”. Ora, essa é a questão fundamental para uma transvaloração de todos os valores. Uma resposta inicial para essa questão está no fragmento póstumo 1880, 6[175] em que se nota que ao realizar essa nova valoração seria preciso ou valorizar coisas diferentes ou valorizar as coisas de maneira diferente.

Em suma, a análise desses fragmentos póstumos deixa claro que há uma concepção sobre o valor e há a necessidade de transformar esses valores estabelecidos. Como consequência disso, fica também elucidado que, antes de redigir a obra *Assim falou Zaratustra*, as principais concepções de transvaloração de todos os valores já estavam sendo elaboradas mesmo que Nietzsche ainda não tenha escrito o termo transvaloração (*Umwertung*). Portanto, a problemática do fato de Nietzsche ter pensado nesse termo e depois escrever o discurso *Das três transformações* pode ser aqui esclarecida: o surgimento do pensamento sobre a transvaloração de todos os valores é anterior ao uso do termo por meio de uma teoria sobre os valores morais e pela necessidade de mudar e transformar esses valores. Isso está presente no primeiro livro de *Assim falou Zaratustra* e no discurso *Das três transmutações*.

1.2 Os sentidos da noção de transvaloração de todos os valores

Dado esse esclarecimento sobre o termo “transvaloração”, pensado entre 1880 e 1881, é preciso agora compreender mais profundamente os sentidos da noção de uma “transvaloração de todos os valores” apontados por Nietzsche. Eles são diversos, mas, como pretendo mostrar, é possível interpretar uma unidade nesses diferentes sentidos. Para realizar essa empreitada, proponho estudá-la por duas vias: primeiro, como uma análise histórica dos valores morais e, em segundo lugar, como um projeto de um livro filosófico.

O primeiro sentido de “transvaloração dos valores”, numa análise histórica, contém uma ambiguidade, pois ele se refere tanto a uma transvaloração dos valores antigos ou nobres, realizada pelo cristianismo (também denominada como a rebelião

escrava da moral), como uma transvaloração dos valores morais cristãos dentro da perspectiva nietzschiana de superar a moral cristã, a civilização Ocidental e a modernidade. Nesse sentido, trata-se de operações contrapostas, mas que Nietzsche denomina, ambas, como “transvaloração”.

A transvaloração dos valores antigos ou nobres, realizada pela moral judaica e cristã, aparece no aforismo 46 de *Para além do bem e mal* ao afirmar que a fórmula “Deus na cruz” “prometia uma transvaloração de todos os valores antigos” (BM 46). Já a primeira dissertação da *Genealogia da moral*, contém uma investigação sobre a mudança dos valores morais antigos realizado pelo judaísmo (GM I, 7) e pelo cristianismo (GM I, 8), em que ocorre uma transvaloração judaica relacionada com a revolta dos escravos na moral (GM I, 7) e uma transvaloração dos valores sobre os ideais nobres realizada por Israel (GM I, 8). Por fim, no livro *Crepúsculo dos ídolos*, no capítulo *Os melhoradores da humanidade*, seção 4, Nietzsche indica o cristianismo como a transvaloração dos valores arianos. Como é possível notar nessas passagens, na transvaloração dos valores antigos efetivada pela moral judaica cristã, ocorre uma mudança radical nos valores morais da antiguidade que Nietzsche classifica como nobres ou arianos. Para compreender isso, é preciso entender a clássica tipologia que Nietzsche apresenta no aforismo 260 de *Para além do bem e mal* e na primeira dissertação da *Genealogia da moral*, entre moral dos senhores e moral dos escravos diante das pluralidades de valores morais, na qual Nietzsche aponta para uma rebelião escrava na moral.

Na moral do senhor, o bom é caracterizado pelo estado de alma elevada, é orgulhoso, considerado distinto e determinante na hierarquia. O homem nobre despreza os seres que são contrários a esse estado de elevação. Trata-se da oposição entre o “bom” (*gut*) e o “ruim” (*schlecht*) que equivale, respectivamente, ao “nobre” e ao “desprezível”. Logo, despreza-se o covarde, o medroso, o mesquinho, o desconfiado, que se deixa maltratar, que mendiga e, sobretudo, que mente. O bom está, nas diversas línguas, relacionado com o nobre, o superior, o aristocrático etc. O ruim, por outro lado, é o simples, comum, oposto ao nobre. O nobre ajuda o infeliz, não por compaixão, mas sim por um ímpeto gerado pela abundância, pois ele está longe de uma moral altruísta. O nobre tem o dever diante dos iguais, já com os inferiores ele pode agir de bel-prazer.

Diferente disso é a moral dos escravos, tendo em vista que os violentados e oprimidos moralizam e que ocorre uma suspeita pessimista face a toda a situação, talvez uma condenação do homem. O escravo não vê como favorável a virtude dos poderosos, pois é cético e desconfiado a todo bom e honrado. E inversamente, as propriedades que servem para aliviar a existência dos que sofrem são postas em relevo e inundadas de luz: compaixão, paciência, diligência, humildade, amabilidade, pois são as propriedades mais úteis. A moral do escravo é de utilidade. Há nela uma oposição

entre o “bom” (*gut*) e o “mau” (*böse*). O bom é ligeiro e benévolo, pois ele tem que ser também inofensivo, boa índole, fácil de enganar, ou seja, um bom homem.

Da moral do senhor para a moral do escravo, há uma inversão, uma revolta dos escravos realizada pelos judeus que é uma transvaloração dos valores antigos operada pela moral escrava. Assim, bom não é mais o nobre, o poderoso, o feliz, mas os bons são os miseráveis, os pobres, os impotentes, os sofredores, os necessitados, os feios; já os nobres, os poderosos, são maus, cruéis, ímpios. O “mau” da moral do ressentimento é o “bom” da moral nobre. Do ódio do judeu surgiu o amor cristão, mas esse não é negação da vingança judia, pelo contrário, ele brotou do ódio judeu. Logo, com o cristianismo Israel triunfou em relação aos ideais mais nobres.

Outro ponto importante é que a rebelião escrava ocorre quando o ressentimento se torna criador e gerador de valores morais. Com o ressentimento, é negada uma reação efetiva em atos e apenas por uma vingança imaginária se obtém a reparação. A moral nobre nasce de um Sim a si mesma, já a moral escrava diz Não a si mesmo e afirma um outro, fora, um não-eu. Os bem-nascidos se sentem felizes, não necessitam construir uma felicidade artificial, como faz o escravo, mentindo para si mesmo por meio de um olhar ao inimigo (tal como faz o ressentido). O nobre é necessariamente ativo, não sabe separar a felicidade da ação. Ser ativo é parte da sua felicidade. O contrário ocorre com o impotente (atacado por um sentimento venenoso, o ressentimento), ele encontra a felicidade no entorpecimento, sossego, paz e passividade.

O cristianismo, ao invés de afirmar este mundo vivido, afirma uma outra existência essencial, imutável e eterna. Com a vitória do cristianismo em Roma, a moral escrava do cristão se prolifera por todos os tecidos sociais, até o desenvolvimento de uma moral de rebanho e de valores políticos modernos, como a igualdade, liberdade e fraternidade. Não por acaso, a Revolução Francesa é caracterizada como a última grande rebelião dos escravos no aforismo 46 de *Para além do bem e mal*.

De maneira contraposta a essa rebelião escrava da moral ocorre o outro sentido de transvaloração dos valores, em que Nietzsche aponta como possibilidade transvalorar os valores cristãos estabelecidos. A crítica de Nietzsche à moral cristã é uma abertura para a transvaloração se estendendo para outros escritos. No livro *Ecce homo*, o termo “transvaloração” aparece com bastante frequência. Nietzsche enfatiza que suas perturbações doentias favoreceram mudanças de perspectivas para uma transvaloração dos valores: “Agora tenho-o na mão, tenho mão bastante para *deslocar perspectivas*: razão primeira porque talvez somente para mim seja possível uma ‘transvaloração dos valores’” (EH Por que sou sábio 1). Porém, isso não quer dizer que uma transvaloração de todos os valores seja um projeto pessoal de Nietzsche. Pelo contrário, ele sabe que essa é uma tarefa para o futuro. Além disso, aparece nessa

citação justamente a possibilidade de deslocar perspectivas, ou seja, uma multiplicidade de perspectivas possíveis é essencial para uma transvaloração dos valores.

Na obra *Para além do bem e mal* ele acrescenta que a transvaloração é uma tarefa para os filósofos do futuro: “para *novos filósofos*, não há escolha; para espíritos fortes e originais o bastante em impulsionar valorizações opostas e transvalorar ‘valores eternos’ para revertê-los” (BM 203). Mais adiante, nesse mesmo aforismo, Nietzsche remete a tarefa da transvaloração, também, aos espíritos livres. Esse termo foi usado na sua obra *Humano, demasiado humano* como contrapartida ao espírito cativo, aprisionado pela tradição. O espírito livre se liberta da tradição para poder pensar diferente e para, por si só, instaurar valores. Logo, Nietzsche retoma esse termo para enfatizar a possibilidade de que a humanidade mude os valores morais estabelecidos.

Já no final do livro *Ecce homo*, a transvaloração aparece como uma forma de autoconhecimento da humanidade: “*Transvaloração de todos os valores*: eis a minha fórmula para um ato do supremo autorreflexão da humanidade, que em mim se fez gênio e carne” (EH Por que sou um destino 1). Nessa autorreflexão, ele pretende atingir a humanidade para concretizar, ao mesmo tempo, um projeto filosófico.

Em um artigo introdutório à temática da transvaloração de todos os valores, Luís Rubira realiza uma síntese dessas duas operações da transvaloração: a do cristianismo (rebelião escrava) e a de Nietzsche contra o cristianismo:

Toda transvaloração opera sempre num âmbito de valores estabelecidos: se a judaico-cristã operou no âmbito de valores nobres, tendo como símbolo máximo “o crucificado”, a *transvaloração nietzschiana* precisa operar sobre *todos os valores* que, desde então, se estabeleceram; e seu símbolo é Dionísio. Entende-se, assim, a derradeira inscrição em *Ecce homo*: “*Dionísio contra o crucificado...*” (EH Por que sou um destino 9), ou seja, símbolos que expressam, por um lado, uma transvaloração ocorrida e, por outra, uma nova transvaloração, aos olhos do filósofo, necessita ocorrer. Vê-se, portanto, por que o projeto de *transvaloração de todos os valores nietzschiano* é algo demasiadamente polêmico: com ele Nietzsche vem questionar, nada menos, que dois milênios de história. (RUBIRA, 2005, p.118).

É preciso enfatizar que a transvaloração dos valores que Nietzsche propõe em oposição ao cristianismo difere substancialmente da “revolta escrava na moral”, tal como destacou muito bem Arnaud Francois: “o movimento da história não é um simples oscilar e pendular entre valores aristocráticos e valores cristãos, mas sim um acontecimento, ou seja, uma nova forma de conceber a própria noção de valor, que ocorre com Nietzsche” (2007, pp. 136-137). Não se trata de retornar aos valores nobres simplesmente, a proposta não é inverter o que foi invertido pelo cristianismo, mas sim desenvolver o autoconhecimento humano para criar novos valores. Por conta disso, a transvaloração de todos os valores de Nietzsche se relaciona com outros conceitos

como eterno retorno, espírito livre, vontade de poder, filósofos do futuro e dionisíaco, pois trata-se de uma construção afirmativa de sua filosofia em contraposição aos valores cristãos e platônicos.

Justamente por isso que há o segundo sentido do uso do termo “transvaloração” por Nietzsche, a saber, como a formulação de uma obra filosófica em que conteria todos esses aspectos afirmativos. A transvaloração como um projeto filosófico em Nietzsche pode ser compreendida como o processo de escrita de um livro com subtítulo ou título: “transvaloração de todos os valores”. Isso aparece muito frequentemente em fragmentos póstumos já apontados acima, mas também é anunciado em obras publicadas como a seção 27 da terceira dissertação da *Genealogia da moral* e o prefácio de *Ecce homo*. Entretanto, em que consiste essa obra que Nietzsche pretende realizar desde 1881 até o final de sua vida consciente? Não se trata de uma obra qualquer ou apenas uma entre outras, mas por muitas vezes Nietzsche se referiu a ela como uma obra magna (*Hauptwerk*).

No começo do século XX, Elisabeth Förster-Nietzsche e Heinrich Köselitz (mais conhecido como Peter Gast) publicaram uma compilação de fragmentos póstumos com o título de *A vontade de poder*, alegando que essa seria a obra magna de Nietzsche. Como se sabe, essa compilação de fragmentos não correspondia de fato a um manuscrito de uma obra a ser publicada postumamente, muito menos à obra magna, mas sim à organização de fragmentos póstumos que, muitas vezes, não respeitava a ordem cronológica nem o rigor filológico devido.

Entretanto, não se pode negar o fato de que Nietzsche tinha o projeto de escrever uma obra magna. Em momentos diferentes, essa obra seria intitulada como *Eterno retorno* (1881-1885), *A vontade de poder* (1885-1888) e *Transvaloração dos valores* (1888). É preciso enfatizar que o pensamento de Nietzsche chega a uma nova fase com a “intuição” do eterno retorno em agosto de 1881. Esse conceito já aparece na obra *A gaia ciência*, iniciando o que Nietzsche coloca para si mesmo como um guia para uma nova e grande tarefa. Brobjer observa (2006, p. 287) que, depois de terminar de escrever *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche pretendia escrever uma grande obra com a ideia de eterno retorno e da crítica à moral. Por meio de uma carta enviada a Meysenbug em maio de 1884, Nietzsche afirma que o livro *Assim falou Zaratustra* seria apenas um “hall de entrada” para a sua filosofia (BROBJER, 2006, p. 285), assim como essa obra magna pretendia ser mais teórica do que *Assim falou Zaratustra* (BROBJER, 2006, p. 288). Entretanto, Nietzsche não publicou essa obra na sua vida lúcida. Muitos intérpretes, como Montinari (1982) e Curt Paul Janz (2016), consideram que Nietzsche desistiu dessa obra magna e, com base em uma carta a Georg Brandes em 20 de novembro de 1888, indicam que o *Anticristo* é convertido na totalidade da *transvaloração*. Brobjer (2006 e 2008) argumenta que é possível observar, em notas e cartas de novembro e

dezembro de 1888, evidências de que o *Anticristo* seria o primeiro livro dessa obra magna.

Seja como for, a obra magna de Nietzsche nunca chegou de fato a vir a público, muito menos uma obra intitulada *Transvaloração de todos os valores*. É interessante também notar que Nietzsche, nos seus últimos escritos, relaciona suas obras anteriores com o termo “transvaloração”. Em *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche afirma que “o *Nascimento da tragédia* foi minha primeira transvaloração de todos os valores” (CI O que devo aos antigos 5). Sobre essa passagem, Patrick Wotling (2016, p. 141-142) observa que *O nascimento da tragédia* não tem a expressão “transvaloração” e nem uma teoria profunda sobre os valores morais. Logo, essa indicação no *Crepúsculo dos ídolos* significa mais uma reinterpretação do começo das suas reflexões ao buscar uma unidade de suas obras e pensamento. É também nesse sentido que em *Ecce homo*, Nietzsche se refere às diversas obras suas com o termo “transvaloração”, tais como *Humano, demasiado humano* (EH Humano, demasiado humano 6), *Aurora* (EH Aurora, 1), *Para além do bem e mal* (EH Para além do bem e mal 1) e *Genealogia da moral* (EH Genealogia da moral). Claro que essas obras se interligam mais com o tema do valor e da transvaloração do que a sua primeira obra, mas fica evidente que Nietzsche buscava uma unidade do seu pensamento com o termo “transvaloração”. Nota-se que a noção de transvaloração é usada para formar uma unidade ao pensamento nietzschiano, o que faz o seu sentido de análise histórica da moral se relacionar com a realização de uma obra filosófica, pois, no fundo, transvaloração de todos os valores é um projeto filosófico que quer deixar como legado um sentido para o futuro da humanidade.

Essa parece ser a direção para chegar à tarefa da transvaloração dos valores. Em *Ecce homo*, Nietzsche afirma: “Para a tarefa de uma *transvaloração dos valores* eram necessárias talvez mais faculdades do que as que jamais residiram em um só indivíduo, sobretudo também antíteses de faculdades, sem as quais estas se poderiam obstruir, destruir” (EH Por que sou tão inteligente 9). Contudo, a tarefa da transvaloração de todos os valores está para além de Nietzsche e para além de qualquer outro indivíduo, embora possa ser uma tarefa para os filósofos do futuro. Transvaloração não deve ser compreendida como um projeto pessoal de Nietzsche, não é a individualidade de Nietzsche que está aqui em questão, mas sim como a sua filosofia pode apontar para a possibilidade de efetivar a transvaloração dos valores para o futuro da humanidade. Nietzsche não está interessado em mostrar como nele ocorre a transvaloração dos valores, ele está interessado em construir a possibilidade futura de uma transvaloração dos valores morais vigentes.

Portanto, é importante entender como a figura de Zaratustra e o eterno retorno podem ser vistos, enquanto aspectos do pensamento nietzschiano, como fundamentais para a transvaloração dos valores. Então, o livro *Assim falou Zaratustra* tem um papel maior do que um “hall de entrada”. José Nicolao Julião (2011, pp. 40-42) defende que *Assim falou Zaratustra* seria a obra magna de Nietzsche. Seja ou não, esse livro se insere

no projeto de transvaloração de todos os valores. É isso que pretendo demonstrar no próximo tópico.

1.3 A transvaloração de todos os valores e a obra *Assim falou Zaratustra*

O pensamento do eterno retorno teve um grande impacto nos escritos de Nietzsche, tanto que ele próprio reconhece que a partir daí começa uma nova fase. Isso ocorreu em agosto de 1881, como ele mesmo descreve em *Ecce homo*: “Naquele dia eu caminhava pelos bosques perto do lago de Silvaplana; detive-me junto a um imponente bloco de pedra em forma de pirâmide, pouco distante de Surlei. Então veio-me esse pensamento” (EH Assim falou Zaratustra 1). Nesse mesmo ano surge a figura de Zaratustra reinterpretada por Nietzsche, de onde surgiria o livro *Assim falou Zaratustra*. Do mesmo modo, o eterno retorno e Zaratustra aparecem nos últimos aforismas do livro IV de *A gaia ciência*, que até então era o final da obra, dado que só em 1886 ele adicionaria o quinto livro.

O aforismo 341 de *A gaia ciência*, intitulado *O maior dos pesos* (*Das grösste Schwerkgewicht*), nos remete ao aforismo 269 que afirma ser necessário que todos os pesos sejam determinados novamente. Como já foi escrito anteriormente, Brobjer compreende esse aforismo como mostrando os primeiros sinais da noção de transvaloração. Com isso, a concepção do eterno retorno tem um grande peso para a determinação das novas medidas de valores necessárias para a transvaloração de todos os valores. Ou seja, a tese de que tudo retornará, seja do pequeno ao mais gigante, da vida individual à ordem cosmológica, indica que o eterno retorno poderá transformar os valores. Luís Rubira, ao observar a relação fecunda entre eterno retorno e transvaloração dos valores no fragmento póstumo 1884, 26 [259], afirma que o significado dessa anotação é “que Nietzsche compreende o eterno retorno como o pensamento que possibilita realizar a transvaloração da totalidade dos valores” (2010, p. 228). Essa tese vem ao encontro da nossa investigação, principalmente em relação ao aspecto de que, a partir desse pensamento de Nietzsche, seria possível uma transvaloração de todos os valores por conta do eterno retorno e da crítica à moral.

O surgimento da expressão “eterno retorno” e da figura de Zaratustra ocorrem praticamente juntos, como o próprio Nietzsche afirma em *Ecce homo*: “a concepção fundamental da obra [*Assim falou Zaratustra*], o pensamento do eterno retorno, a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar, é de agosto de 1881” (EH Assim falou Zaratustra 1). Nota-se, portanto, uma relação fecunda entre eterno retorno, Zaratustra e transvaloração: todos são modos de uma afirmação da existência em oposição à negação dela. Posteriormente, Nietzsche também retomará a figura de

Dionísio como afirmação da vida, formando uma unidade do ápice do seu pensamento com a noção do trágico já presente em *O nascimento da tragédia*.

Nietzsche retoma a concepção dionisiaca a partir de 1886. Nesse período, a contraposição não é focada mais só contra Sócrates, ela é ampliada contra o cristianismo, pois, com Cristo morto na cruz, atinge-se a grande negação de toda existência. Um cristão nega a vida mais feliz na Terra em busca de um além. Por outro lado, Dionísio, despedaçado e com o máximo de dor, afirma ainda a vida terrena no seu máximo grau, como Nietzsche deixa claro no fragmento póstumo 1888, 14 [89].

A concepção de transvaloração de todos os valores está presente em *Assim falou Zaratustra*? Sobre essa questão, Nietzsche apresenta uma resposta em *Ecce homo*: “Não disse palavra que não houvesse dito já há cinco anos pela boca de Zaratustra” (EH Por que sou um destino 8). Nesse mesmo livro, quando Nietzsche analisa sua obra mais poética, ele a relaciona com Dionísio: “Esta obra [*Assim falou Zaratustra*] ocupa lugar à parte. Deixemos os poetas de lado: talvez nunca se tenha feito nada a partir de uma tal profusão de energia. Meu conceito de ‘dionisiaco’ tornou-se ali *ato supremo*” (EH *Assim falou Zaratustra* 6). O próprio personagem Zaratustra é compreendido como uma inversão dos valores morais, Nietzsche afirma isso em *Ecce homo*:

Não me foi perguntado, deveria me ter sido perguntado, o que precisamente em minha boca, na boca do primeiro imoralista, significa o nome *Zaratustra*: pois o que constitui a imensa singularidade deste persa na história é precisamente o contrário disso. Zaratustra foi o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas – a transposição da moral para o metafísico, como força, causa, fim em si, é obra *sua*. Mas essa questão já seria no fundo a resposta. Zaratustra *criou* este mais fatal dos erros, a moral: em consequência, deve ser também o primeiro a *reconhecê-lo* (EH Por que eu sou um destino 3).

Nesse sentido, Zaratustra é o personagem utilizado para indicar uma autossuperação e, por isso, podemos afirmar que todo o livro está no plano da transvaloração de todos os valores. Brobjer também o reconhece e, especialmente sobre o discurso *Das três transmutações*, ele afirma: “o tema da transvaloração também está presente, por exemplo, em *Das três transmutações*, mas talvez em um nível mais individual do que social e não elaborado” (BROBJER, 2010, p. 15). A transformação, autossuperação e superação são temas fundamentais em *Assim falou Zaratustra*. Claus Zittel (2000) considera como um grande problema dessa obra a autossuperação de Zaratustra, também Julião (2016) interpreta que nessa obra o ensinamento da superação é tema nuclear.

No prólogo dessa obra já é possível notar uma transformação de Zaratustra: depois de passar uma década na caverna, “enfim seu coração mudou” (ZA Prólogo 1). Essa mudança é notada por um homem velho, que diz, ao rever Zaratustra depois de anos: “Não me é estranho esse andarilho: por aqui passou há muitos anos. Chamava-se

Zaratustra; mas está mudado [...]. Mudado está Zaratustra; tornou-se uma criança Zaratustra” (ZA Prólogo 2). Zaratustra indica uma mudança sofrida por si mesmo e, mais do que isso, ele não é visto como mais velho, como seria a ordem natural de uma vida, mas sim como uma criança, o que pode indicar que passou pelas três transmutações. Essas transformações representam uma reviravolta na cultura judaica e cristã. Em seguida, analisarei especificamente o modo como o primeiro discurso pode ser interpretado pela perspectiva da transvaloração de todos os valores.

2. Os valores no discurso *Das três transmutações*:

O discurso *Das três transmutações* é interpretado como a narrativa de uma transformação espiritual necessária para estar na companhia de Zaratustra. Foi assim que compreendeu Lampert (1986, p.32), ao indicar que Zaratustra percebe a inexistência de pessoas preparadas para a sua sabedoria e discurso; portanto, seria necessário criar um público adequado. Isso só seria possível ao tomar conhecimento sobre esses três estágios do espírito, o que é necessário para os companheiros de Zaratustra (LAMPERT, 1986, p. 33). Tiago Barros (2011, p. 338) também nota uma relação entre a transformação de Zaratustra no prólogo e o discurso *Das três transmutações*. Para ele, o comentário do santo eremita da floresta, de que Zaratustra se transformou em uma criança, se relaciona com a transformação final do espírito do discurso. Com isso, as três transmutações indicariam um processo de transformação do próprio Zaratustra. É possível, também, uma outra interpretação de que essas três transmutações se referissem a alguns aspectos da vida pessoal e do desenvolvimento intelectual de Nietzsche, tal como interpreta Erich Heller (1988, pp. 70-86). Há outras interpretações em que o espírito em transmutação não é considerado como uma transformação individual, mas sim ampla, tal como a de Vânia Dutra de Azeredo (2011, p. 61), que entende esse discurso como uma exposição da história da filosofia em que o camelo como determinação representa Sócrates e Platão, o leão como autonomia corresponde a Descartes e Kant e, por fim, a inocência da criança se relaciona com o próprio Nietzsche.

Acredito que a grande riqueza do livro *Assim falou Zaratustra* consiste em possibilitar diferentes interpretações e perspectivas. Não pretendo aqui apontar a interpretação correta sobre as transformações do espírito, mas diante de todas elas, pretendo formar uma hermenêutica, levando em consideração a transvaloração de todos os valores. Por conta disso, não considero que a referência do espírito seja somente individual ou ampla (como a história da filosofia), mas trata-se de ambos. O espírito que se transforma não pode ser interpretado de maneira fechada como se

referisse apenas a Zaratustra ou a seus companheiros nem ser interpretado apenas como um processo histórico, ele é a transformação que pode ser tanto individual como histórica. No conjunto da trama da obra, a transformação do espírito tem uma referência forte ao Zaratustra e aos seus companheiros, mas tendo em vista que, desde o prólogo, Zaratustra quer levar sabedoria e boa nova aos homens, então, por mais que sua primeira tentativa tenha sido fracassada, ele deve ter em mente a necessidade de possibilitar a transvaloração de todos os valores.

Portanto, não considero que esse primeiro discurso seja simplesmente uma disposição necessária para a tarefa de Zaratustra, tal como compreendeu Lampert (1986, p. 35), pois a transformação de Zaratustra e do espírito reflete a necessidade de colocar uma nova medida para toda a humanidade, ou seja, de transvalorar os valores. E isso fica claro por Nietzsche utilizar os termos “valor”, “peso”, “tu deves” entre outros nesse discurso, pois não existe valor algum que seja estritamente individual, mas trata-se de toda relação dos homens com os valores estabelecidos. Além disso, não se pode entender os ensinamentos e discursos de Zaratustra como um meio para atingir um fim (a tarefa), porque o próprio percurso já é a tarefa. E é justamente por meio da perspectiva da grande tarefa de transvaloração que pretendo interpretar esse discurso de Zaratustra.

2.1. O espírito “camelo”

O discurso *Das três transmutações* trata da transformação do espírito utilizando três imagens: o camelo, o leão e a criança: “Três transmutações vos cito do espírito: como o espírito se torna camelo, e em leão o camelo, e em criança, por fim, o leão” (ZA I, *Das três transmutações*). Não se trata de duas transmutações, tal como afirma Lampert (1986, p. 33): do camelo para o leão e do leão para o camelo, mas sim de três: o espírito torna-se camelo, depois torna-se leão e, por fim, torna-se criança.

Zaratustra caracteriza o espírito do camelo como aquele que carrega o peso: “Muito de pesado há para o espírito, para o espírito forte, que suporta carga, em que reside o respeito: pelo pesado e pelo pesadíssimo reclama sua força” (ZA I, *Das três transmutações*). A imagem do camelo representa o homem que carrega coisas, mesmo sem saber o que carrega: “O que é pesado? Assim pergunta o espírito de carga, assim ele se ajoelha, igual ao camelo, e quer ser bem carregado. O que é pesadíssimo, ó heróis? Assim pergunta o espírito de carga, para que eu tome sobre mim e me alegre de minha força” (ZA I, *Das três transmutações*). É preciso recordar que a metáfora do peso está extremamente relacionada com o eterno retorno e a transvaloração de todos os valores, tendo em vista o aparecimento desse termo nos títulos dos aforismos 341 e 269 de *A gaia ciência*. E isso pelo fato de o peso ser uma medida de valor, algo que sentimos e ponderamos. Mais do que isso, um peso coloca uma nova forma de nos movimentarmos

no mundo, tal como parece estar o espírito que carrega o peso gigante dos supremos valores.

O espírito do camelo significa a obediência, a sujeição diante dos valores morais, assim como afirma Fink: “O camelo significa já a existência no modo de ser da grandeza, significa o homem da grande veneração, que se inclina diante da hegemonia de Deus, diante da proeminência da lei moral, que se prosterna e transporta docilmente o seu pesado fardo” (1988, p. 76). Portanto, o espírito do camelo significa o estado de obediência à lei moral, ao Deus transcendente, ao senhor que domina. Convém lembrar que, em *Para além do bem e mal*, Nietzsche afirmará que “o essencial e inestimável de toda moral é o fato de ela ser uma demorada coerção” (BM 188).

Podemos observar que a palavra “valor” não aparece na descrição do camelo, mas em seu lugar está o peso que deve ser carregado de tal forma que se suporte a carga que é colocada. Nietzsche afirma:

O essencial, “no céu como na terra”, ao que parece, é, repito, que se *obedeça* por muito tempo e *numa* direção: daí surge com o tempo, e sempre surgiu, alguma coisa pela qual vale a pena viver na terra, como virtude, arte, música, dança, espiritualidade – alguma coisa transfiguradora, refinada, louca e divina. (BM 188).

Nesse sentido, o espírito do tipo camelo representa a instauração dos valores e é por meio dele que se coloca a humanidade em uma direção, em um sentido. Mesmo sem saber exatamente o que é o peso que carrega, o camelo vai adiante e se confronta com aquilo que ele deve fazer: “Todo esse pesadíssimo o espírito de carga toma sobre si: igual ao camelo, que carregado corre para o deserto, assim ele corre para seu deserto.” (ZA I, *Das três transmutações*). É importante destacar a imagem do deserto, pois essa imagem aparece em diversas passagens nos escritos de Nietzsche. Heidegger interpreta de maneira interessante tal imagem, ao afirmar o seguinte:

Nietzsche, observando a distância a partir da posição mais alta, cunhou para isso já nos anos oitenta do século XIX a expressão singela: “O deserto cresce”. Isso significa: a desertificação se estende. A desertificação é mais do que a destruição, é mais terrível do que essa. A destruição elimina somente o que cresceu e foi construído até agora; de modo diferente, a desertificação impede o crescimento futuro e impossibilita toda construção. A desertificação é mais terrível do que a mera aniquilação. Esta elimina e coloca em ação o nada, a desertificação, de modo diferente, coloca em jogo e difunde o que estorva e impede (HEIDEGGER, 2010b, p. 28).

O deserto é, portanto, a imagem da destruição e impedimento de sentido e significado. O deserto e a desertificação significam que o peso que o camelo carrega e

sua obediência cega seguem por um caminho no qual há uma falta de sentido. Nietzsche desenvolverá melhor esse ponto, posteriormente, com o termo niilismo. O que significa niilismo para Nietzsche? No começo do fragmento póstumo 1887, 9[35] há uma resposta sucinta: “niilismo: falta a meta, falta a resposta para o ‘por que?’. O que significa niilismo? – *que os valores supremos se desvalorizam*”. Heidegger reforça essa concepção: “Com o termo niilismo, Nietzsche tem em vista o fato histórico, isto é, o acontecimento da desvalorização dos valores supremos, da aniquilação de todas as metas e da colisão de todos os juízos de valor” (HEIDEGGER, 2010a, p.142).

Entretanto, o peso que o camelo carrega precisa ser transformado. Como já destacamos, Nietzsche afirma o seguinte em *A gaia ciência*: “*Em que você acredita?* Nisto: que os pesos de todas as coisas precisam ser determinados novamente.” (GC 269). O camelo representa o modo como os valores são instaurados e fixados para nós como um peso, mas esses valores devem ser modificados. E no próprio deserto ocorre a transformação do espírito de camelo para o leão: “Mas no mais solitário deserto ocorre a segunda transmutação: em leão se torna aqui o espírito, liberdade quer ele conquistar, e ser senhor do próprio deserto” (ZA I, Das três transmutações). Trata-se, então, de uma transformação do espírito: ele não quer mais obedecer, carregando o peso do dever, mas quer sua liberdade; não quer apenas percorrer o deserto, mas sim ser senhor do seu próprio deserto. E assim, o espírito se transforma em leão.

2.2. O espírito “leão”

Na medida em que o espírito se torna leão, o antigo senhor que comandava no camelo aparece na forma de dragão e se torna o inimigo e rival do leão: “Seu último senhor ele procura aqui: quer tornar-se inimigo dele e de seu último deus, pela vitória quer lutar com o grande dragão” (ZA I, Das três transmutações). Nesse conflito entre o dragão e o leão, fica mais evidente o que era o peso do camelo, trata-se do tu-deves: “Qual é o grande dragão, a que o espírito não quer mais chamar de senhor e deus? ‘Tu debes’ se chama o grande dragão. Mas o espírito do leão diz ‘eu quero’” (ZA I, Das três transmutações). Assim, o conflito entre o “tu-deves” do dragão com o “eu quero” do leão revela como os valores estavam no espírito do camelo:

“tu-deves” está em seu caminho, cintilante de ouro, um animal de escamas, e em cada escama resplandece em dourado: “Tu debes!” Valores milenares resplandecem nessas escamas, e assim fala o mais poderoso de todos os dragões: “todo o valor das coisas – resplandece em mim” (ZA I, Das três transmutações).

Por isso, o “tu-deves” da escama do dragão representa a concentração de todos os valores milenares. O peso que o camelo carregava era composto por valores que se

mantinham e que deveriam ser obedecidos sem serem questionados. O estabelecimento dos valores no espírito do camelo nega qualquer liberdade contra o que é estabelecido como um mandamento, como um imperativo.

Portanto, o espírito do tipo camelo foi considerado o primeiro, pois nele se estabeleceram a obediência aos valores morais. Já no espírito do tipo leão, surge o dragão que diz de modo conservador: “Todo valor já foi criado, e todo valor criado – sou eu. Em verdade, não deve haver mais nenhum ‘eu quero!’” (ZA I, *Das três transmutações*). O espírito do leão entra em conflito com esses valores ao tentar negá-los. É nesse sentido que, para Karl Löwith, o espírito do leão representa uma liberdade negativa: “A liberdade, a qual é provada pela primeira vez nisso, é em primeiro lugar negativa: um se libertar-se de... por meio da decisiva dissolução de todos os tradicionais vínculos” (LÖWITH, 1986, p. 31).

Com isso, o leão se assemelha ao espírito livre que se libertou dos valores milenares, tal como Nietzsche descreve no prefácio de 1886 de *Humano, demasiado humano*:

Pode-se supor que um espírito no qual o tipo do “espírito livre” deva alguma vez tornar-se maduro e doce até a perfeição tenha tido seu acontecimento decisivo numa grande liberação, e que anteriormente parecesse ainda um espírito atado e para sempre amarrado a seu canto e sua coluna. (HH I, Prólogo 3).

Nesse mesmo sentido, o leão é o espírito guerreiro que luta contra o dragão e as suas escamas do “tu deves”. Nessa guerra entre leão e dragão, ocorre uma libertação dos valores já estabelecidos. Por isso, o leão é um espírito negador da moral: “Criar liberdade e um sagrado Não, mesmo diante do dever: para isso, meus irmãos, é preciso o leão” (ZA I, *Das três transmutações*). Essa negação dos valores é a primeira condição de uma transvaloração de todos os valores, pois é apenas negando os valores já colocados que se pode transvalorar. Como afirma Marton: “Transvalorar é, antes de mais nada, suprimir o solo a partir do qual os valores até então foram engendrados. Aqui, Nietzsche espera realizar obra análoga à dos iconoclastas: derrubar ídolos, demolir alicerces, dinamitar fundamentos” (2009, p. 75). De maneira análoga, nesse discurso o leão nega os valores. Como consequência disso, ele se livra do peso que o camelo carregava, entra em conflito com o “tu-deves” (o dragão) e apresenta a primeira condição para uma transvaloração de todos os valores: suprimir o solo de onde os valores até então eram formados.

O espírito do tipo leão possui uma grande importância, pois o que era sagrado, uma obrigação e obediência para o camelo, para o leão se torna uma ilusão e um arbítrio do qual precisa se distanciar: “Como seu mais sagrado amava ele outrora o ‘tu-deves’: agora tem de encontrar ilusão e arbítrio até mesmo no mais sagrado, para

conquistar sua liberdade desse amor: é preciso o leão para essa rapina” (ZA, I, Das três transmutações). O espírito ganha liberdade. Com isso, ele não obedece como o camelo, pelo contrário, ele se distancia desses valores e aponta para a possibilidade de criar novos valores.

No entanto, se a transmutação para o leão é uma condição para a transvaloração de todos os valores, pois enfrenta e nega os valores estabelecidos, alcançando, com isso, uma liberdade para o espírito; por outro lado, essa condição é ainda limitada. Zaratustra afirma: “Criar novos valores – disso nem mesmo o leão ainda é capaz: mas criar liberdade para nova criação – disso é capaz a potência do leão” (ZA I, Das três transmutações). Por isso, o leão representa a condição para a transvaloração de todos os valores, pois ele fornece a liberdade, o distanciamento dos valores instituídos, mas não é ainda condição suficiente para a transvaloração de todos os valores. Transvalorar não é apenas negar os valores. Nietzsche não visa uma vida sem valores, pois com essa posição, o valor se reduziria ao nada, logo se estaria no deserto do niilismo que apenas desvaloriza os valores. O espírito do leão destrói os valores, desvincula-se deles, mas ainda não é capaz de criar novos valores.

Para isso, ocorre a última transmutação necessária para a transvaloração de todos os valores: o espírito deve se tornar criança. Apenas como criança é possível agora a criação de novos valores, ou seja, não apenas se supera os valores antigos, mas muda a forma de criar valores. Se o camelo segue atravessando o seu deserto, o leão quer se tornar senhor do seu deserto. A criança, por fim, com o deserto domado, cria significados, sentidos e novos valores.

2.3. O espírito “criança”

Zaratustra anuncia a transmutação para a criança com duas perguntas: “Mas dissei, meus irmãos, de que ainda é capaz a criança, de que nem mesmo o leão foi capaz? Em que o leão rapidamente tem ainda de se tornar em criança?” (ZA I, Das três transmutações). O leão foi capaz de destruir e se desvincular de valores que o camelo obedecia sem questionar. Com isso, ele entrou em conflito com o “tu deves” anunciando um “eu quero”. Assim, o leão conquista a liberdade necessária para a transvaloração de todos os valores. Porém, isso não é o suficiente para transvalorar, é necessário um novo começo, uma nova criação. É isso que Zaratustra destaca no espírito “criança”: “Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.” (ZA I, Das três transmutações).

Há aqui diversos elementos relacionados com a criança e que é preciso destacar: primeiramente, ela representa a inocência. A palavra *Unschuld* é composta pelo prefixo *Un-* que denota uma negação e pela palavra *Schuld* cuja tradução é culpa. Portanto,

quando Nietzsche pensa em inocência, isso significa uma ausência de culpa, de dívida, como se ele utilizasse o duplo sentido da palavra. Em suma, a criança não tem uma imputação moral; não tem mais nenhum peso de valores morais sobre si, como o camelo. Por isso, ela pode criar valores que não são transcendentais e que não ordenam o “tu deves”. A criança não tem em si a formação moral implantada pela sociedade, ela simboliza o esquecimento e não tem nela a consolidação da domesticação dos instintos realizada pelas técnicas de memória, tal como Nietzsche investiga na segunda dissertação de *A genealogia da moral*. Assim, ela pode “começar-de-novo”, pois pode criar valores que estão fora da moral. Essa é a condição para completar a transvaloração de todos os valores. Como afirma Scarlett Marton: “transvalorar é, ainda, criar novos valores. Aqui, Nietzsche pretende realizar obra análoga à dos legisladores: estabelecer novas tábuas de valores” (2009, p. 78).

A figura da criança é justamente aquela capaz de não apenas negar os valores antigos, tal como fez o leão, mas de criar, de formar algo novo. Por isso, ela representa a constante afirmação da vida: “Sim, para o jogo do criar, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: *sua* vontade quer agora o espírito, *seu* mundo ganha para si o perdido do mundo” (ZA, I, *Das três transmutações*). Se o espírito do camelo é o “tu deves” e do leão “eu quero”, o espírito da criança é considerado, principalmente por Löwith (1986), como o “eu sou”. Isso é sustentado com base no fragmento póstumo de Nietzsche que afirma: “mais alto que ‘tu deves’ está ‘eu quero’ (os heróis); mais alto do que ‘eu quero’ está ‘eu sou’ (os deuses dos gregos)” (FP 1884, 25 [351]). Considero que essa é uma interpretação possível, apesar de não ser evidente, pelo fato de que as referências ao discurso *Das três transmutações* se limitam ao “tu deves” e “eu quero”. Porém, de fato, a criança é a imagem do tornar-se si mesmo e da afirmação de si mesmo. Logo, essa interpretação da criança como “eu sou” tem seu fundamento.

A imagem da criança não é novidade nos escritos de Nietzsche. Ela já aparecia nas obras de sua juventude ao interpretar um fragmento de Heráclito. O fragmento DK B52 afirma: “A eternidade vital é a criança brincando, jogando gamão: o reino da criança”. Nietzsche utiliza esse fragmento para compreender o devir e a conflagração cósmica, ou seja, a tese de que o mundo surge do fogo e se destrói por meio dele também. Nietzsche afirma em *A filosofia na era trágica dos gregos*:

Neste mundo, só a brincadeira de artista e da criança possuem um vir-a-ser e perecer, um erigir e destruir, sem qualquer imputação moral e numa inocência eternamente igual. E assim como brincam a criança e o artista, brinca também o fogo eternamente vivo, erigindo e destruindo, em inocência – e, essa brincadeira, o *Aiôn* joga consigo próprio. Transmutando-se em água e terra, ele ergue, como a criança, montes de areia à beira do mar, edificando e destruindo; de tempos em tempos, dá início à brincadeira de novo. (FT 7)

É bem notável nessa passagem a relação da periódica destruição cósmica com o fragmento DK B52: o universo surge e é destruído eternamente de modo que ele realiza uma brincadeira lúdica e artística sem nenhuma imputação moral, ou seja, na inocência do devir. Assim, a criação de novos valores contém a inocência de uma criança que é análoga a de um artista. Esse destruir e construir da brincadeira de criança nos mostra que Nietzsche já a relacionava com seu próprio pensamento sobre o fenômeno dionisíaco em *O nascimento da tragédia*. No final desse livro, o filósofo alemão afirma:

Esse aspirar ao infinito, o bater de asas de anelo, no máximo prazer ante a realidade claramente percebida, lembram que em ambos os estados nos cumpre reconhecer um fenômeno dionisíaco que torna a nos revelar sempre de novo o lúdico construir e destruir do mundo individual como eflúvio de um arquiprazer, de maneira parecida à comparação que é efetuada por Heráclito, o Obscuro, entre a força plasmadora do universo e uma criança que, brincando, assenta pedras aqui e ali e constrói montes de areia e volta a derrubá-los (NT 24).

Assim, a criança representa uma nova forma de criar valores que não são transcendentais. Ao invés disso, a criança cria valores que estão em devir, construindo e destruindo, numa brincadeira lúdica, assim como um artista cria sua obra de arte. A transvaloração de todos os valores proposta por Nietzsche contrapõe-se ao modo de criar valores do platonismo e do cristianismo, mas está em conformidade com o modo de criar valores dionisíaco, em que entende que a vida é afirmativa, mesmo nos seus problemas mais obscuros, na dor, no limite e na finitude.

Como afirma Clademir Araldi: “No discurso ‘Das três transmutações’, o caminho para a suprema afirmação é posto como assegurado, na figura da criança que joga na inocência cósmica do mundo natural, para além do peso da obediência e da liberdade negativa do leão” (2014, p. 22). Nesse sentido, com a transmutação do espírito em criança, ocorre a completa transvaloração de todos os valores. Não se trata apenas de inverter os valores, ou de apenas negá-los, tal como fez o leão, mas a partir da liberdade do leão, é permitido um novo modo de criar valores que afirma dionisiacamente a vida repleta de prazeres dos corpos e, ao mesmo tempo, das dores da finitude.

Por conta disso, tendo a concordar com Löwith (1986), em sua interpretação, de que a criança representa os aspectos afirmativos da filosofia de Nietzsche depois da morte de Deus. Pois se o mundo transcendente e suprassensível é suprimido (e isso ocorre pelo confronto do leão com o dragão); por outro lado, o devir, a existência sensível, o mais próximo é afirmado por meio de conceitos como dionisíaco, *amor fati* e o eterno retorno. É com esses conceitos afirmativos da filosofia de Nietzsche que ocorre, também, a transvaloração de todos os valores. A criança simboliza tudo isso,

pois ela representa uma inocência, um “dizer sim”, um começar, uma roda rodando por si mesma (o eterno retorno referido neste discurso). A filosofia de Nietzsche, afirmativa de vida, aponta para uma nova forma de criar valores, como um começo da nova era que poderá superar o platonismo e o cristianismo.

3. Conclusão

Em resumo, podemos afirmar que o camelo representa a formação dos valores morais, carregando todos os pesos da moral, já o leão representa a negação dos valores estabelecidos, havendo um conflito do “tu deves” com “eu quero” e, por fim, a criança simboliza a criação de novos valores que não transcende o devir, está em pleno devir, afirmando a existência tal como ela é. A mobilização da transformação dos três espíritos é análoga ao da transvaloração de todos os valores nietzschiana. Logo, é possível afirmar que o discurso *Das três transmutações* contém a tese da concepção de transvaloração de todos os valores desenvolvida por Nietzsche.

Além disso, o discurso das três transmutações em *Assim falou Zaratustra* configura uma ilustração do movimento crítico de Nietzsche em relação aos valores morais que já estão presentes em *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e *A gaia ciência*, assim como percorre toda a crítica à moral desenvolvida em obras posteriores: *Para além do bem e mal* e *A genealogia da moral*. Esse discurso tem, portanto, uma grande relevância para compreender todo o movimento afirmativo de vida contido no pensamento de Nietzsche.

Referências Bibliográficas:

ARALDI, Clademir. “Das três transmutações”: indicações para uma nova arte de viver. In: *Seara Filosófica*, nº 9, 2014, pp. 7-26.

AZEREDO, Vânia Dutra. As transmutações do espírito no Zaratustra de Nietzsche. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Thiago. *Leituras de Zaratustra*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

BARROS, Tiago. O camelo, o leão e a criança na trajetória de Zaratustra. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Thiago. *Leituras de Zaratustra*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

BROBJER, Thomas H. Nietzsche’s *magnum opus*. *History of European Ideas*, Routledge, nº 32, 2006, pp. 278-294.

_____. *The Antichrist as the First Volume of Nietzsche's Magnum Opus. Ideas in History*, nº 3, 2008, pp. 83-106.

_____. The Origin and Early Context of the Revaluation Theme in Nietzsche's Thinking. *The Journal of Nietzsche Studies*, Pennsylvania, nº 39, 2010, pp.12-29.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Tradução de Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

FRANCOIS, Arnaud. Pourquoi inverser les valeur, ce n'est pas mettre de nouvelles valeurs a la place des anciennes. In: SOULADIÉ, Yannick. *Nietzsche – L'inversion des valeurs*. Hildesheim, Zürich, New York: Georg Olms Verlag, 2007, pp.133-167.

HEIDEGGER, M. *Nietzsche I*. Tradução de Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. *Qué significa pensar?* Tradução de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, 2010b.

HELLER, Erich. *The importance of Nietzsche. Ten essays*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

HERÁCLITO. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Organizada por Hermann Diels e Walther Kranz. Berlin: Weidmann, 1989

JANZ, Curt P. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 3 tomos, 2016.

JULIÃO, José Nicolao. *O Assim falou Zarathustra como obra capital de Nietzsche*. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Thiago. *Leituras de Zarathustra*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

_____. *O ensinamento da superação em Assim falou Zarathustra*. Campinas: Editora PHI, 2016.

LAMPERT, Laurence. *Nietzsche's Teaching: an interpretation of The spoke Zarathustra*. New Haven, London: Yale University Press, 1986.

LÖWITH, Karl. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1986.

MARTON, S. A morte de Deus e a transvaloração dos valores. In: _____. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso editorial e Barcarolla, 2009.

MONTINARI, Mazzino. *Nietzsche lesen*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtlich Werke. Kritische Studienausgabe*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzimo Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 15v., 1999.

_____. *Sämtliche Briefe-Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 8 v., 1986.

_____. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Tradução de Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

_____. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém*. In: *Obras incompletas* (Coleção, Os pensadores). Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2005a.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

_____. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Humano, demasiado humano vol. I*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *O nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RUBIRA, Luís. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Discurso Editorial, Barcarolla, 2010.

_____. *Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche. Tempo na ciência*. Toledo, vol. 12, nº 24, 2º semestre, 2005, p. 113-122.

WOTLING, Patrick. "Mon premier renversement de toutes les valeurs". *La naissance de la tragédie* et la mise em place des invarieants du questionnement nietzschéen. In:

DENAT, Céline; WOTLING, Patrick. Nietzsche. Les premiers textes sur les Grecs. Reims: Presses Universitaires de Reims, 2016, p.139-169.

ZITTEL, Claus. Das ästhetische Kalkül von Friedrich Nietzsches "Also sprach Zarathustra". Würzburg: Königshausen und Neumann, 2000.

Recebido: 19/06/2023

Aprovado: 09/10/2023

Received: 19/06/2023

Approved: 09/10/2023